

Da Cultura da Inveja à Cultura da Dignidade: um caminho para a Paz Social

From the Culture of Envy to the Culture of Dignity: a Path to Social Peace

Vitor Augusto de Oliveira Lima¹

 0009-0006-0166-8231

Sérgio Eduardo Fazanaro Vieira¹

 0000-0002-8158-1577

Resumo

O objetivo do presente artigo é investigar como a cultura atual apresenta-se como uma cultura da inveja e como uma cultura da dignidade a contrapõe, a qual se revela como um caminho para a paz social. Para tanto, será abordada a antropologia católica a fim de explicar a noção de Pecado Original e suas consequências como uma realidade inerente a todo ser humano. Uma dessas consequências é o pecado capital da inveja, o qual será tratado a nível pessoal e social. A partir disso, será construída uma análise e uma crítica à cultura atual, a qual, perdendo sua raiz metafísica e ética, possibilita que a inveja assuma para si o papel transcendental de princípio orientador da cultura, o qual norteará o agir da sociedade, causando, assim, uma cultura da inveja, sobretudo com suas duas faces: a eterna competição e o isolamento social. Em seguida, é apresentada a cultura da dignidade, a qual se fundamenta nos princípios metafísicos da Filiação Divina e da Fraternidade Universal. Por fim, tem-se a conclusão da cultura da dignidade como caminho para a paz social: uma cultura enraizada na raiz da inveja frutifica guerras e divisões, ao passo que uma cultura enraizada na dignidade frutifica a paz.

Palavras-chave: Cultura. Dignidade. Inveja. Fraternidade. Paz Social.

Abstract

The aim of this article is to investigate how the current culture presents itself as a culture of envy and how a culture of dignity counters it, revealing itself as a path to social peace. To achieve this, Catholic anthropology will be addressed to explain the notion of Original Sin and its consequences as an inherent reality for every human being. One of these consequences is the capital sin of envy, which will be discussed at both personal and social levels. From this point, an analysis and critique of the current culture will be developed, which, by losing its metaphysical and ethical roots, allows envy to take on the transcendental role of guiding principle in culture. This, in turn, directs societal behavior, giving rise to a culture of envy, especially with its two facets: perpetual competition and social isolation. Following this, the culture of dignity is presented, which is grounded in the metaphysical principles of Divine Filiation and Universal Brotherhood. In conclusion, the culture of dignity is put forth as a path to social peace: a culture rooted in the essence of envy bears fruit in wars and divisions, whereas a culture rooted in dignity yields peace.

Keywords: Culture: Culture. Dignity. Envy. Brotherhood. Social Peace.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Faculdade de Filosofia. Campinas, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: S. F. VIEIRA. E-mail: <sergio.vieira@puc-campinas.edu.br>

A inveja como condição humana e social

A crise da paz social de todos os tempos se deve, antes de tudo, a uma condição inerente a todo ser humano que o leva a sentir, pensar e agir de modo a não considerar a dignidade da outra pessoa com a qual se relaciona – nem a própria. Essa condição constitui parte da própria natureza humana sob a luz da antropologia católica. Desse modo, faz-se necessário compreender a noção de natureza humana decaída pelo pecado original que causa consequências diretas no homem, como a inveja. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, retoma e expõe o pensamento da Igreja Católica acerca da realidade do pecado original e de seus efeitos na natureza humana:

Estabelecido por Deus num estado de santidade, o homem, seduzido pelo maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora d'Ele. Tendo conhecido a Deus, não lhe prestou a glória a Ele devida, mas o seu coração insensato obscureceu-se e ele serviu à criatura, preferindo-a ao Criador. E isto que a revelação divina nos dá a conhecer, concorda com os dados da experiência. Quando o homem olha para dentro do próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não podem provir de seu Criador, que é bom. Muitas vezes, recusando reconhecer Deus como seu princípio, perturbou também a devida orientação para o fim último e, ao mesmo tempo, toda a sua ordenação quer para si mesmo, quer para os demais homens e para toda a criação. O homem encontra-se, pois, dividido em si mesmo. E assim, toda a vida humana, quer singular quer coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Mais: o homem descobre-se incapaz de repelir por si mesmo as arremetidas do inimigo: cada um sente-se como que preso com cadeias (PAULO VI, 1965, n. 13, *online*).

Assim sendo, após o Pecado Original, o homem encontra-se “dividido em si mesmo”, com más inclinações dentro de si que o prendem em espécies de cadeias, desordenando-o e desorientando-o do fim último para o qual foi criado: Deus. Nesse sentido, na *Gaudium et Spes*, ainda, é apresentada a natureza humana criada, caída e redimida:

O homem, ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela sua natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais, por meio dele, atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador. Não pode, portanto, desprezar a vida corporal; deve, pelo contrário, considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há de ressuscitar no último dia. Todavia, ferido pelo pecado, o homem experimenta as revoltas do corpo. É, pois, a própria dignidade humana que exige que o homem glorifique a Deus no seu corpo, não deixando que este se escravize às más inclinações do próprio coração. Não se

engana o homem, quando se reconhece por superior às coisas materiais e se considera como algo mais do que simples parcela da natureza ou anônimo elemento da cidade dos homens. Pela sua interioridade, transcende o universo das coisas: tal é o conhecimento profundo que ele alcança quando reentra no seu interior, onde Deus, que perscruta os corações, o espera, e onde ele, sob o olhar do Senhor, decide da própria sorte. Ao reconhecer, pois, em si uma alma espiritual e imortal, não se ilude com uma enganosa criação imaginativa, mero resultado de condições físicas e sociais; atinge, pelo contrário, a verdade profunda das coisas (PAULO VI, 1965, n. 14, *online*).

A pessoa humana é um composto uno de corpo e alma, e sua natureza está, portanto, desordenada. O homem sofre com as revoltas do corpo, o qual lhe permite existir no mundo material; e da alma, imortal e espiritual, a qual revela “a verdade profunda das coisas”, aquilo que a transcende e transcende o universo das coisas e que apenas ela mesma pode captar por meio da inteligência. A despeito dessas propriedades, é na alma, ou coração, que as más inclinações, por assim dizer, são decisivas e têm a capacidade de orientar a vida.

No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impõe a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faz isto, evita aquilo. O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado (PAULO VI, 1965, n. 16, *online*).

No entanto, para alcançar esse bem moral – ao qual a voz da sua consciência o chama –, o homem se depara também com o mal possível a se realizar pelas vozes das más inclinações do corpo e da alma. Nesse dilema, a pessoa humana utiliza-se da sua inteligência, para discernir, e da sua vontade, para escolher. Contudo, a inteligência, “parcialmente obscurecida e debilitada” (PAULO VI, 1965, n. 15, *online*), não faz discernimentos corretamente e confunde o que seria a ordem do bem a buscar, colocando um bem inferior no lugar de um bem superior – “serviu à criatura, preferindo-a ao Criador” –, deixando-se, assim, escravizar-se pelas paixões.

Uma das más inclinações que o homem sofre é a inveja. O pecado da inveja, pela experiência filosófica e teológica, como apresenta Santo Tomás de Aquino, comumente foi definido como a tristeza pelo bem alheio e a alegria pelo mal alheio. A inveja tradicionalmente é considerada um dos sete pecados capitais. O termo “capital” vem do latim *caput*, que significa “cabeça”, ou seja, os pecados capitais são “pecados-cabeças”, pois deles derivam outros pecados, além de haver uma relação interna entre eles. Segundo o Doutor Angélico, a inveja manifesta-se em suas filhas:

Deve-se dizer que podem-se enumerar as filhas da inveja da maneira seguinte. No processo da inveja, há algo como início, meio e término. No início, esforça por diminuir a glória do outro, quer secretamente, e trata-se então de murmuração; quer abertamente,

e é a difamação. O meio consiste em alguém procurar diminuir a glória do outro: se conseguir, é a satisfação com as dificuldades, se não conseguir, é a decepção com a prosperidade. Enfim, no término está o ódio. Com efeito, assim como o bem agrada e é causa do amor, assim também a tristeza é causa do ódio, como já foi dito (TOMÁS DE AQUINO, 2004, p. 498).

Assim, o pecado da inveja é algo que leva uma pessoa a querer diminuir a glória do outro através da murmuração ou da detração, de modo que, conseguindo esse fim, se alegra com a tristeza alheia; por outro lado, caso esse propósito não seja alcançado, a pessoa se entristece com a alegria de outrem. Além disso, esse processo, que potencialmente se torna um hábito, pode causar o ódio ao próximo. Corroborando esse pensamento e alinhando-o com uma perspectiva da psicologia clínica no seu livro *Os sete pecados capitais: um guia tomista para derrotar o vício e o pecado*, Kevin Vost elucida como se dá esse processo interno:

Quando ficamos sabendo que alguém se deu bem ou conseguiu algo bom, seja um simples ganho material como um aumento salarial, ou um carro ou uma casa nova, seja um reconhecimento honorífico por algum feito nobre e espiritual, como um bom serviço prestado à comunidade, nossa reação é alegrarmo-nos com essa pessoa ou sentirmos um desconforto – uma sensação de que, de algum modo, o sucesso do outro implica um defeito em nós? (VOST, 2019, p. 102).

Como observado, a inveja apresenta diversas faces que precisam ser bem entendidas para compreendermos como ela afeta o homem e leva à perda da paz social. Ao investigar a sua dinâmica psicológica interna na individualidade da pessoa, pode-se expandir o conceito para a sociedade. Para continuar a presente investigação, é preciso definir outra premissa: o homem não foi criado sozinho. O homem é um ser social, um ser que se desenvolve em relação com outro ser. Sobre isso, a *Gaudium et Spes* irá defender que, desde o princípio, o homem vive em comunhão, pondo isso como condição da própria vida humana:

Deus, porém, não criou o homem sozinho: desde o princípio criou-os “varão e mulher” (Gn 1,27); e a sua união constitui a primeira forma de comunhão entre pessoas. Pois o homem, por sua própria natureza, é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros (PAULO VI, 1965, n. 12, *online*).

Como todo pecado, a inveja é individual, ou seja, é uma pessoa que o comete singularmente, pois “[...] o pecado, no sentido próprio e verdadeiro, é sempre um ato da pessoa, porque é um ato de um homem, individualmente considerado, e não propriamente de um grupo ou de uma comunidade” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 16, *online*). No entanto, a depender do pecado, da sua frequência e do seu contexto, ele pode tomar uma proporção social. A dimensão social do pecado foi abordada pelo Papa João Paulo II, o qual denomina e discorre sobre três acepções de pecados sociais, sendo a primeira:

Por outras palavras não há nenhum pecado, mesmo o mais íntimo e secreto, o mais estritamente individual, que diga respeito exclusivamente àquele que o comete. Todo o pecado se repercute, com maior ou menor veemência, com maior ou menor dano, em toda a estrutura eclesial e em toda a família humana. Segundo esta primeira aceção, a cada pecado pode atribuir-se indiscutivelmente o carácter de pecado social (JOÃO PAULO II, 1984, n. 16, *online*).

Todo pecado, portanto, cometido individualmente gera consequências em maior ou menor grau na família humana. A segunda aceção do “pecado social” diz respeito aos atos que, de forma mais direta, ferem outra pessoa: “há certos pecados, no entanto, que constituem, pelo seu próprio objeto, uma agressão direta ao próximo e — mais exatamente, com base na linguagem evangélica — ao irmão” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 16, *online*). A terceira aceção “diz respeito as relações entre as várias comunidades humanas. Estas relações nem sempre estão em sintonia com o desígnio de Deus, que quer no mundo justiça, liberdade e paz entre os indivíduos, os grupos, os povos” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 16, *online*). Em outras palavras, de pecado em pecado, criam-se situações de mal social que envolvem até nações inteiras. De todo modo, para prosseguir com a aplicação desse conceito no pecado da inveja, é necessário esclarecer que o pecado social existe apenas em sentido analógico, por ser ele apenas a soma de pecados individuais:

Pois bem: a Igreja, quando fala de situações de pecado ou denuncia como pecados sociais certas situações ou certos comportamentos coletivos de grupos sociais, mais ou menos vastos, ou até mesmo de Nações inteiras e blocos de Nações, sabe e proclama que tais casos de pecado social são o fruto, a acumulação e a concentração de muitos pecados pessoais (JOÃO PAULO II, 1984, n. 16, *online*).

Desse modo, a inveja, de modo particular, apresenta uma dimensão social mais presente, porque quem inveja, inveja um terceiro. Dito de outro modo, a inveja sempre *tem* um objeto que não é a pessoa que o comete, mas outra pessoa. Isso pode tanto permanecer no âmbito individual como exteriorizar-se no âmbito social e prejudicar o objeto da inveja. Nesse sentido, há um exemplo magno que ilustra o que a inveja pode causar socialmente: o fratricídio de Caim e Abel, como se evidencia a seguir:

Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim, agricultor. Tempos depois, aconteceu que Caim trouxe frutos do solo para oferecer ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe os primogênitos do seu rebanho e a gordura deles. E o Senhor se agradou de Abel e de sua oferta, mas de Caim e de sua oferta não se agradou. Caim ficou muito irritado e com o rosto abatido. Então o Senhor perguntou a Caim: “Por que andas irritado e com o rosto abatido? Porventura, se agires bem, não serás aceito? Mas, se não agires bem, o pecado espreitará à tua porta. Ele te deseja, mas tu deves dominá-lo”. Caim falou ao seu irmão Abel: “Vamos ao campo!” Logo que estavam no campo, Caim atirou-se sobre seu irmão Abel e o matou. O Senhor perguntou a Caim: “Onde está Abel, teu irmão? Ele respondeu: “Não sei. Acaso sou o guarda do meu irmão?” Então o Senhor

replicou: “Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão, desde o solo, clama a mim!” (GÊNESIS, 2019, cap. 4).

Comentando essa narrativa nas suas Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta, em 2017, o Papa Francisco analisa o processo que levou Caim a cometer o pecado, afirmando que “Caim preferiu o instinto, preferiu cismar com aquele sentimento, ampliá-lo, deixá-lo crescer. O pecado que depois cometerá, que estava escondido por detrás do sentimento, cresceu” (FRANCISCO, 2017, *online*). Depois, mostra como isso aumenta em proporção: “[...] assim crescem as inimizades entre nós: começam com algo pequeno, um ciúme, uma inveja e depois crescem e vemos a vida só a partir daquele ponto e o cisco torna-se para nós uma trave” (FRANCISCO, 2017, *online*).

Enfim, partindo das concepções elaboradas sobre a inveja, considerando como ela ocorre individualmente e na sua dimensão social, será investigado, no próximo item, de que modo esse pecado capital promove uma cultura da inveja que corrobora a perda da social desde a sua raiz.

Cultura da Inveja

É necessário, em primeiro lugar, apresentar uma breve noção filosófica da cultura para entender como a inveja a envenena, tornando-a uma cultura da inveja. Em um dos seus ensaios filosóficos, o Prof. Victor Sales Pinheiro define a cultura como “[...] o mapa da vida, o conjunto de conceitos religiosos, científicos, morais, políticos e estéticos que usamos para interpretar as experiências cotidianas de transcendência, verdade, bondade, justiça e beleza: nossa bússola de orientação” (PINHEIRO, 2021, p. 45). Nessa mesma esteira, Pe. Lima Vaz, ao propor uma ontologia da cultura, afirma:

A diferenciação dessas categorias obedece à própria diferenciação *ôntica* da realidade, e incide, por sua vez, na diferenciação dos modos de relação do homem com o ser, de tal sorte que a categoria de objetividade delimita o campo da relação *poiética*, a categoria de intersubjetividade o campo da relação prática, e a categoria de transcendência o campo da relação teórica. O entrelaçamento dessas relações no existir histórico do homem define filosoficamente a cultura. Podemos afirmar, pois, que o ser do homem como ser-em-relação é, ontologicamente, um ser-de-cultura (VAZ, 2002, p. 91).

Depreende-se dessas duas afirmações que a cultura é, portanto, o meio onde o homem se encontra e se desenvolve na história. É o habitat natural de relação interdimensional da pessoa humana a partir do qual ela se orienta. Em todo caso, além da ontologia da cultura, Pe. Vaz defende uma ética da cultura, mencionando que “a normatividade da cultura é tão evidente quanto a sua própria existência, pois é claro que o homem cria o mundo da cultura tendo em vista o seu próprio bem. O ético não deve, pois, ser entendido como um predicado que *advenha ab extrinseco* à cultura” (VAZ, 2002, p. 93). Sendo assim, a ética é intrínseca à cultura, faz parte da sua natureza, sendo ambas coextensivas, porque “ao produzir o mundo da cultura como mundo propriamente humano onde se exerce a sua prática e onde se situam as suas obras, o homem se empenha necessariamente na luta pelo sentido a ser dado à sua existência” (VAZ, 2002, p. 127).

Existe, assim, uma valoração da realidade, “como *ethos*, a cultura torna-se para ele a morada a partir da qual a realidade se descobre como dotada de significação e valor” (VAZ, 2002, p. 127). A cultura, conclui-se, depende necessariamente de uma ética. A ética, por sua vez, fundamenta-se, deriva-se e precisa de uma metafísica que ofereça transcendentais verdadeiros e seguros para servirem de princípios orientadores para a ação humana sem deixá-la ao relento. E ele continua:

A efetiva atividade cultural, na sua face subjetiva e na sua face objetiva, deve exprimir, na particularidade da ação humana, do seu objeto e dos seus fins, a unidade, a verdade, a bondade e a beleza que refratam do nosso saber, no nosso agir e no nosso fazer, a riqueza ontológica do ser. São essas as propriedades transcendentais que formam a constelação inteligível sob cujo signo nasce e caminha a cultura humana (VAZ, 2002, p. 97).

A cultura, dessa maneira, brota e se desenvolve juntamente à ética, a qual se fundamenta solidamente em uma metafísica dos transcendentais. Existe, porém, uma ameaça para a cultura; isso ocorre quando ela perde de vista e esquece os transcendentais (a metafísica), e sua ética passa a não ter um ponto de partida que a norteie e a estabilize, resultando no enfraquecimento de sua vitalidade anímica. Analisando e fazendo uma crítica de uma crise da cultura do homem moderno, o Pe. Vaz questiona:

Desta sorte, tendo renunciado à norma da transcendência cristã e tendo submetido a Natureza a um gigantesco processo de adaptação aos seus fins de auto-satisfação, o homem ocidental moderno vê elevar-se hoje, como sendo talvez seu desafio maior, a antiga interrogação sobre os fins da cultura. Sem Deus e sem natureza, e arrastado pela dialética sem termo da necessidade e da satisfação, onde irá ele buscar uma fonte objetiva de normas e valores capazes de regular e orientar o fluxo vertiginoso da sua atividade cultural? (VAZ, 2002, p. 112).

A cultura, nesse momento, nas palavras de Friedrich Nietzsche, encontra-se em um estágio de niilismo ético, “o homem moderno crê experimentalmente ora neste, ora naquele valor, para depois abandoná-lo; o círculo de valores superados e abandonados está sempre se ampliando; cada vez mais é possível perceber o vazio e a pobreza de valores” (REALE, 2014, p. 7), e o filósofo continua, com caráter profético, e afirma que “[...] o movimento é irrefreável [...]. A história que estou relatando é a dos dois próximos séculos” (REALE, 2014, p. 7). Todo esse processo é ilustrado pelo Pe. Lima Vaz como a tragédia e o grande risco que uma cultura corre:

Ora, o grande risco da cultura, a tragédia que pode vir a ameaçá-la, versão propriamente histórica da “tragédia no ético” de que fala Hegel, é a recusa da normatividade da forma, a revolta da liberdade criadora contra a medida ontológica presente na ideia. A forma, lembremo-nos, é o dever-ser imanente ao ato, tendo como fundamento a estrutura ontológica do sujeito, e é o dever-ser imanente à obra, tendo como fundamento a estrutura ontológica da realidade. O conflito entre forma e a realização traduz-se no

trágico abandono da cultura à desmesura sem a regra da proporção, à contingência sem o vínculo do necessário, ao aleatório sem o fio luminoso da finalidade. Aqui estaríamos diante de uma negação do ser que bem podemos denominar o niilismo ético da cultura, a “tragédia do ético”, que seria propriamente a perda do humano no agir e na obra do homem (VAZ, 2002, p. 96).

Nesse sentido, esboça-se uma cultura na qual o homem não tem um princípio que o transcenda e o predique, sendo certo que ele passa, assim, a ser orientado a partir de si mesmo, como um ponto no meio do nada. A pessoa humana encontra-se, pois, sem metafísica, e sem a metafísica, sem ética, e, por conseguinte, sem uma cultura que corresponda a sua dignidade. No entanto, como visto anteriormente, a natureza humana é decaída e é fortemente influenciada pelas suas más inclinações, entre elas, a inveja. Nesse aspecto, a inveja assume um certo papel transcendental e de raiz cultural – o qual deve pertencer à metafísica e aos valores derivados dela, algo superior ao próprio homem – e passa a ser um princípio orientador marcante na cultura atual, porque está intrinsecamente entrelaçada com sua ação. Diante dessa conjuntura na qual o homem não tem uma bússola para se orientar, e considerando que a inveja, condição inerente a todo ser humano, toma ainda mais espaço na pessoa e na sociedade, criando uma cultura própria, será investigado no próximo item de que modo isso efetivamente se manifesta.

Abordando o tema dos sete pecados capitais sob uma perspectiva positiva, Gregory Popcak apresenta duas consequências sociais do pecado da inveja que colaboraram e ainda contribuem para que os homens se dividam entre si em discórdias, conflitos e guerras, desde os tempos mais antigos, culminando numa cultura da invidía, a partir da transposição dela de um âmbito pessoal para um nível social e cultural. Afirma o autor o seguinte sobre a primeira consequência: “[...] a inveja faz da vida uma competição na qual ou nós sempre corremos o risco de perder, ou simplesmente já perdemos” (POPCAK, 2022, p. 98). Isso quer dizer que a inveja semeia uma eterna competição, pois faz com que a pessoa sempre busque aquilo que outra pessoa tem, fazendo daquilo um prêmio maior do que a própria relação de fraternidade e comunhão, colocando, desse modo, a dignidade de um bem material ou moral acima da dignidade humana. Estimula constantemente uma insatisfação em relação ao fato de o outro possuir e uma desconfiança em relação a perder o que se tem.

Para explicar a segunda consequência, Popcak faz uma analogia comparando a pessoa humana a uma gazela-de-thomson. Esse animal africano, assim como o homem, é um ser social e vive em bando. Os leões rodeiam esse bando, sendo este grupo seu sistema de defesa, esperando apenas que uma gazela se isole e se torne uma presa fácil. Assim, “[...] a inveja faz com que nós afastemos daqueles que poderiam nos dar apoio” (POPCAK, 2022, p. 101), e não apenas isso, “[...] a inveja nos faz desdenhar da companhia dos outros” (POPCAK, 2022, p. 101); isto é, a inveja instiga o isolamento social, ferindo a própria natureza humana criada para a convivência, pois, diferentemente da eterna competição, a qual leva à violência, o isolamento social é uma resposta contrária de separação. O bem do outro é uma ameaça à própria excelência e, portanto, como que movido por um instinto de sobrevivência, o homem isola-se e quer tudo para si. Seria uma espécie de avareza invejosa, não sendo uma ambição a partir do simples desejo de possuir um bem, mas uma ambição a partir da inveja que se baseia no bem do outro. Isso contribui fortemente para o isolamento social, visto que uma pessoa enxerga a outra como ameaça

somente pelo fato de deter algum bem, seja material ou moral. Portanto, a eterna competição e o isolamento social, frutos do pecado da inveja, são o retrato do mundo em que vivemos, no qual ou o indivíduo está em guerra direta ou se aparta, mas não busca a fraternidade. Em outras palavras, a eterna competição e o isolamento social se tornam as grandes duas categorias que expressam socialmente o pecado individual da inveja e que influenciam uma grande parcela da cultura atual, que, ao invés de promover a paz social, a vê escorrer entre os dedos.

Prosseguindo o retrato das manifestações da cultura da inveja, encontra-se, no primeiro capítulo da Encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, uma extensiva descrição sobre a condição atual de um mundo que se esqueceu da sua dignidade e que está dividido e isolado. Ele elenca situações que revelam a inveja nas grandes esferas culturais, como a economia, a política, a ciência e a comunicação. No início, o Papa Francisco apresenta um paradoxo presente na cultura atual: enquanto se desenvolve exponencialmente a globalização, aumentam, em contrapartida, a divisão e o isolamento:

Esta cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque “a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos”. Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência (FRANCISCO, 2020, n. 12, *online*).

É possível perceber como a inveja já se mostra, mesmo de forma implícita, na sociedade. A humanidade nos tempos atuais está interligada de forma mais intensa em comparação com qualquer outro período histórico; no entanto, mesmo assim, está mais dividida do que nunca. A causa disso está justamente naquela inversão do princípio orientador, na qual o homem passa a orientar-se pelos seus próprios interesses influenciados pela inveja em detrimento do outro. Apesar dessa postura, essa mesma pessoa se depara com outra pessoa com a mesma condição, sendo dessa forma que o conflito se instaura. O que possibilita esse embate é aquela perda da raiz metafísica, posicionamento corroborado pelo Sumo Pontífice:

Pelo mesmo motivo, favorece também uma perda do sentido da história que desagrega ainda mais. Nota-se a penetração cultural duma espécie de ‘desconstrucionismo’, em que a liberdade humana pretende construir tudo a partir do zero. De pé, deixa apenas a necessidade de consumir sem limites e a acentuação de muitas formas de individualismo sem conteúdo (FRANCISCO, 2020, n. 13, *online*).

Outra face desse individualismo faz-se presente no âmbito familiar, o qual gera um desprezo da pessoa humana, numa visão utilitarista que reconhece a dignidade da pessoa somente na medida em que ela pode ou não contribuir para a sua satisfação invejosa, pois tende a diminuir a glória do outro, detratando-o na forma de desdenho e descarte:

A falta de filhos, que provoca um envelhecimento da população, juntamente com o abandono dos idosos numa dolorosa solidão, exprimem implicitamente que tudo acaba conosco, que só contam

os nossos interesses individuais. Assim, “objeto de descarte não são apenas os alimentos ou os bens supérfluos, mas muitas vezes os próprios seres humanos”. Vimos o que aconteceu com as pessoas de idade nalgumas partes do mundo por causa do coronavírus. Não deviam morrer assim. Na realidade, porém, tinha já acontecido algo semelhante devido às ondas de calor e noutras circunstâncias: cruelmente descartados. Não nos damos conta de que isolar os idosos e abandoná-los à responsabilidade de outros sem um acompanhamento familiar adequado e amoroso mutila e empobrece a própria família. Além disso, acaba por privar os jovens daquele contacto que lhes é necessário com as suas raízes e com uma sabedoria que a juventude, sozinha, não pode alcançar (FRANCISCO, 2020, n. 19, *online*).

Este é um problema gravíssimo causado pela inveja, pois ela fere frontalmente a dignidade humana. Por medo de perder o bem que possui e a ameaça que o bem alheio constitui-se para si, o homem, danificando a dignidade, abre portas para diversas formas de injustiças, como o Papa Francisco menciona:

Muitas vezes constata-se que, de facto, os direitos humanos não são iguais para todos. O respeito destes direitos “é condição preliminar para o próprio progresso económico e social de um país. Quando a dignidade do homem é respeitada e os seus direitos são reconhecidos e garantidos, florescem também a criatividade e a audácia, podendo a pessoa humana explanar suas inúmeras iniciativas a favor do bem comum”. Mas, “observando com atenção as nossas sociedades contemporâneas, deparamos com numerosas contradições que induzem a perguntar-nos se deveras a igual dignidade de todos os seres humanos, solenemente proclamada há 70 anos, é reconhecida, respeitada, protegida e promovida em todas as circunstâncias. Persistem hoje no mundo inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo económico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem. Enquanto uma parte da humanidade vive na opulência, outra parte vê a própria dignidade não reconhecida, desprezada ou espezinhada e os seus direitos fundamentais ignorados ou violados”. Que diz isto a respeito da igualdade de direitos fundada na mesma dignidade humana? (FRANCISCO, 2020, n. 22, *online*).

Esse cenário ocorre devido à difusão de visões antropológicas que reduzem o ser humano, principalmente no que diz respeito à sua metafísica, possibilitando que a inveja entre como uma fumaça pelo vão da porta do mundo e cause um incêndio de consequências negativas. Relacionados a esse individualismo, Giovanni Reale cita exemplos que sintetizam suas principais manifestações e como isso afeta o homem:

As notícias dos jornais estão cheias de figuras – pais, mães, maridos, esposas etc. – que fizeram do amor pelos seus apenas um meio

de satisfazer seus próprios desejos; de dirigentes, altos burocratas, políticos de maior ou menor aceitação, empresários etc., que sacrificaram a plenitude de sua vida em nome da carreira, que submeteram as necessidades dos outros a seus próprios interesses, que substituíram o bem público pela ambição privada... Depois, quando têm de pagar a conta – o insucesso, a doença, a velhice --, descobrem-se estranhos num mundo de estranhos, mas ainda desejosos de uma “nova” vida, algo que provavelmente não terão jamais, pois a existência esperada se revelará ainda uma vez uma trama de fracassos e desilusões (REALE, 2014, p. 180).

Ele resume essa realidade ao dizer que “a antiga máxima ‘o homem é um fim’ perde todo significado, enquanto adquire sentido a oposta: ‘o homem é um meio’” (REALE, 2014, p. 172). O homem, nesse sentido, torna-se apenas um meio pelo qual se buscam atingir interesses outros que não o próprio homem, antepondo a ele o sucesso financeiro, por exemplo. Assim, o homem é “[...] reduzido a uma peça do jogo político, mero *homo faber*, elo da cadeia que se articula na dinâmica da produção e do consumo, sujeito e objeto ao mesmo tempo dos conflitos mais variados” (REALE, 2014, p. 172). E continua o bispo de Roma:

As guerras, os atentados, as perseguições por motivos raciais ou religiosos e tantas afrontas contra a dignidade humana são julgados de maneira diferente, segundo convenham ou não a certos interesses fundamentalmente económicos: o que é verdade quando convém a uma pessoa poderosa, deixa de o ser quando já não a beneficia. Estas situações de violência vão-se “multiplicando cruelmente em muitas regiões do mundo, a ponto de assumir os contornos daquela que se poderia chamar uma ‘terceira guerra mundial por pedaços’” (FRANCISCO, 2020, n. 25, *online*).

À medida que o outro, também a nível nacional e mundial, está “abaixo” e favorece os próprios interesses, no caso, económicos, mantém-se uma certa relação positiva. Entretanto, quando o outro – pessoas ou nações – não beneficia tais interesses, e mais, torna-se um perigo, a violência se multiplica. Pode-se entrever a eterna competição nessas relações. Nessa esteira, o Papa afirma que esse resultado é esperado a partir da falta de algo que una verdadeiramente as pessoas:

Isto não surpreende, se atendermos à falta de horizontes capazes de nos fazer convergir para a unidade, pois em qualquer guerra o que acaba destruído é “o próprio projeto de fraternidade, inscrito na vocação da família humana”, pelo que “toda a situação de ameaça alimenta a desconfiança e a retirada”. Assim, o nosso mundo avança numa dicotomia sem sentido, pretendendo “garantir a estabilidade e a paz com base numa falsa segurança sustentada por uma mentalidade de medo e desconfiança” (FRANCISCO, 2020, n. 26, *online*).

Instala-se a lógica do “tudo para mim, nada para você”. Novamente o isolamento social se mostra. Assim se explica que a inveja é a sua fonte, não porque a pessoa ambiciosamente quer

tudo para si apenas, mas porque não quer que o outro tenha e porque este ainda pode revelar-se como uma ameaça ao seu bem:

Paradoxalmente, existem medos ancestrais que não foram superados pelo progresso tecnológico; mais ainda, souberam esconder-se e revigorar-se por detrás das novas tecnologias. Também hoje, atrás das muralhas da cidade antiga está o abismo, o território do desconhecido, o deserto. O que vier de lá não é fiável, porque desconhecido, não familiar, não pertence à aldeia. Trata-se do território do que é “bárbaro”, do qual há que defender-se a todo o custo. Consequentemente, criam-se novas barreiras de autodefesa, de tal modo que deixa de haver o mundo, para existir apenas o “meu” mundo; e muitos deixam de ser considerados seres humanos com uma dignidade inalienável passando a ser apenas “os outros”. Reaparece ‘a tentação de fazer uma cultura dos muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas. E quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro dos muros que construiu, sem horizontes. Porque lhe falta esta alteridade’ (FRANCISCO, 2020, n. 27, *online*).

O Papa Francisco não considera, todavia, que os avanços modernos da ciência sejam de todo ruins, mas alerta sobre as consequências que estes podem acarretar sem que estejam atreladas a uma metafísica e uma ética:

O Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb e eu não ignoramos os avanços positivos que se verificaram na ciência, na tecnologia, na medicina, na indústria e no bem-estar, sobretudo nos países desenvolvidos. Todavia “ressaltamos que, juntamente com tais progressos históricos, grandes e apreciados, se verifica uma deterioração da ética, que condiciona a atividade internacional, e um enfraquecimento dos valores espirituais e do sentido de responsabilidade. Tudo isto contribui para disseminar uma sensação geral de frustração, solidão e desespero, (...) nascem focos de tensão e se acumulam armas e munições, numa situação mundial dominada pela incerteza, pela deceção e pelo medo do futuro e controlada por míopes interesses económicos”. Assinalamos também “as graves crises políticas, a injustiça e a falta duma distribuição equitativa dos recursos naturais (...). A respeito de tais crises que fazem morrer à fome milhões de crianças, já reduzidas a esqueletos humanos por causa da pobreza e da fome, reina um inaceitável silêncio internacional”. Perante tal panorama, embora nos fascinem os inúmeros avanços, não descortinamos um rumo verdadeiramente humano (FRANCISCO, 2020, n. 29, *online*).

Não se atentando à raiz podre sobre a qual se cultiva, a cultura atual não prevê os frutos estragados que produz. É possível observar que a fome, a pobreza, a miséria, a morte por negligência, ainda que indiretamente, são frutos da cultura da inveja. Ante tudo isso, pode crescer um sentimento de desesperança: “[...] no mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença

à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia doutros tempos” (FRANCISCO, 2020, n. 30, *online*). Nessa perspectiva, o Santo Padre atribui à pandemia do Covid-19 uma função de exame de consciência para a humanidade, que se perdeu nos seus ditos avanços e esqueceu-se de si mesma, mencionando que as pessoas devem “cair-se em si” e repensem seu desenvolvimento:

Mas, o golpe duro e inesperado desta pandemia fora de controle obrigou, por força, a pensar nos seres humanos, em todos, mais do que nos benefícios de alguns. Hoje podemos reconhecer que “alimentamo-nos com sonhos de esplendor e grandeza, e acabamos por comer distração, fechamento e solidão; empanturramo-nos de conexões, e perdemos o gosto da fraternidade. Buscamos o resultado rápido e seguro, e encontramos-nos oprimidos pela impaciência e a ansiedade. Prisioneiros da virtualidade, perdemos o gosto e o sabor da realidade (FRANCISCO, 2020, n. 33, *online*).

Tudo o que foi elencado como exemplo de como a inveja é manifestada culturalmente ganha ainda mais força com o advento e a rápida evolução dos meios de comunicação digital. A propagação da cultura da inveja é potencializada. O bispo de Roma também se atenta a essa nova realidade que se apresenta como um caminho sem volta e que, cada vez mais, está presente na vida da humanidade:

Entretanto os movimentos digitais de ódio e destruição não constituem – como alguns pretendem fazer crer – uma ótima forma de mútua ajuda, mas meras associações contra um inimigo. Além disso, “os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contacto com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas”. Fazem falta gestos físicos, expressões do rosto, silêncios, linguagem corpórea e até o perfume, o tremor das mãos, o rubor, a transpiração, porque tudo isso fala e faz parte da comunicação humana. As relações digitais, que dispensam da fadiga de cultivar uma amizade, uma reciprocidade estável e até um consenso que amadurece com o tempo, têm aparência de sociabilidade, mas não constroem verdadeiramente um “nós”; na verdade, habitualmente dissimulam e ampliam o mesmo individualismo que se manifesta na xenofobia e no desprezo dos frágeis. A conexão digital não basta para lançar pontes, não é capaz de unir a humanidade (FRANCISCO, 2020, n. 43, *online*).

A cultura atual coloca a felicidade no bem-estar material, “outro mal que aflige o homem de hoje é a busca ilimitada do bem-estar material como substituto da felicidade espiritual, liquidada como um quimérico e inexistente sonho do passado” (REALE, 2014, p. 101). Reale explica que isso é consequência do praxismo científico-tecnológico exagerado, pois esse desenvolvimento outorga-se a missão de criar um paraíso terrestre sem pensar nos possíveis efeitos negativos:

A atividade científica merece um culto peculiar, justamente porque se fez portadora da promessa de um paraíso na terra, ou seja, de um

mundo melhor não situado num além, mas no aquém. Em outros termos: os homens podem transformar o ambiente em que vivem num paraíso terrestre, desfrutando suas criações tecnológicas, projetar e planejar à luz dos respectivos conhecimentos científicos (REALE, 2014, p. 86).

Contudo, alerta Reale “[...] o extremismo técnico-científico com seus excessos corre o risco de expulsar-nos daquele paraíso terrestre que queríamos conquistar” (REALE, 2014, p. 87), sendo a principalmente frente dessa realidade o dinheiro, que aliena o homem moderno, como diz o Prof. Victor Sales ao citar Burckhardt:

O amesquinamento progressivo do espírito na sociedade capitalista, idolatra do trabalho, baseia-se numa “educação profana”, fruto de um materialismo crasso, que impede a espiritualização do homem. Ele afirma: as finanças consomem inteiramente os homens, e os endurecem para tudo o mais... Vejo tantos indivíduos que renegaram formalmente todo tipo de leitura. Eles dizem “com pesar” que não dispõem de tempo, e de fato não têm vontade... é dentro de vocês, de suas almas, que não há férias (PINHEIRO, 2021, p. 117).

Tudo isso somado à nova era de hiperconectividade digital leva a um desdobramento da eterna competição: a infindável comparação. “Precisamos saber como os outros pensam, falam, compram, votam, divertem-se, e assim por diante. E queremos participar dessa vitrine e desse leilão generalizado, em que todos se avaliam e são avaliados” (PINHEIRO, 2021, p. 99). As redes sociais se transformaram em grandes ringues nos quais vence aquele que tem mais bens materiais. Os bens materiais, nesse sentido, sob a máscara da felicidade, passam a ser o objeto invejado. Entretanto, mesmo diante de tantos males que afligem o homem, o Papa Francisco deseja que não falte a esperança para a cura dessa prática que se apresenta como a cultura da inveja:

Convido à esperança que ‘nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive. Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. [...] A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna’. Caminhemos na esperança! (FRANCISCO, 2020, n. 55, *online*).

Cultura da Dignidade

Segundo Gregory Popcak, por trás de cada pecado capital existe um anseio no coração humano correspondente:

Os sete pecados capitais são na verdade um sinal de esperança. Embora possam esconder isso, a própria presença dos pecados

capitais nos revela a existência dos sete anseios divinos do coração humano – ou seja, nossos desejos profundos, secretos e inescapáveis por abundância, dignidade, justiça, paz, confiança, bem-estar e comunhão (POPCAK, 2022, p. 40).

Por trás da inveja, nesse sentido, há o anseio profundo por dignidade, isto é, o homem mira na dignidade, mas acaba por errar e acertar a inveja, sem, muitas vezes, saber que está fazendo isso:

A inveja é uma distorção do anseio divino pela dignidade, o desejo de que o nosso valor como pessoa seja reconhecido e celebrado. Todos queremos saber que temos valor, que somos preciosos e que temos uma dignidade inata [...] A inveja distorce o nosso anseio pela dignidade ao nos dizer que não temos valor ou importância a não ser que tenhamos tudo aquilo que os outros ao nosso redor possuem, e que podemos alcançar tudo aquilo que os outros têm (POPCAK, 2022, p. 44).

Nessa perspectiva, inicialmente, é preciso investigar qual é o fundamento da dignidade humana, isto é, sobre o que ou a partir do que se fundamenta a dignidade de todo homem, para poder desenvolver a noção de “cultura da dignidade”. Antes de desenvolver a ideia de dignidade, Popcak critica a noção moderna desse conceito cultivada dentro da cultura da inveja. Segundo ele:

O mundo moderno tem uma visão errônea sobre o que confere dignidade a uma pessoa. Geralmente achamos que a nossa dignidade tem a ver com nossas posses, nosso status, nossas conquistas ou a nossa posição na sociedade. Mas nenhuma dessas coisas é poderosa o bastante ou estável o bastante para conferir a dignidade inata que cada um de nós tem aos olhos de Deus (POPCAK, 2022, p. 95).

É possível perceber como esse posicionamento é o pano de fundo das questões discutidas no tópico anterior. A inveja faz com que a pessoa e a sociedade enxerguem a sua própria dignidade na posse de bens materiais, no status, nas conquistas, nos sucessos, na visibilidade social, na preservação exagerada do que lhe pertence em detrimento do outro, exemplos que, como visto, levam a consequências terríveis. Tais exemplos, porém, não constituem um mal em si. O problema, segundo o autor, é que se fundamenta a dignidade em algo que não é poderoso nem estável suficientemente para conferir uma grandeza intrínseca a toda humanidade. Desse modo, pode-se estabelecer uma relação desse conceito com a crise da metafísica trabalhada anteriormente: sem um princípio absoluto que transcenda o homem, este não tem fundamento sólido algum. Popcak confere ao amor a capacidade de fundamentar a dignidade, mencionando que “[...] a nossa dignidade e o nosso valor como pessoas não dependem do que conseguimos fazer. Eles estão ancorados no amor imortal e perpétuo de Deus por nós” (POPCAK, 2022, p. 95). Ele não se refere a qualquer tipo de amor, mas ao amor de Deus, o qual seria o único capaz de atribuir dignidade às pessoas, sendo ele mesmo seu criador. Portanto, o fundamento metafísico transcendental da dignidade humana é Deus. Acerca disso, a *Gaudium et Spes* destaca:

A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência

que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador. Porém, muitos dos nossos contemporâneos não atendem a esta íntima e vital ligação a Deus, ou até a rejeitam explicitamente (PAULO VI, 1965, n. 19, *online*).

É mencionado que “[...] os homens não são todos iguais quanto à capacidade física e forças intelectuais e morais, variadas e diferentes em cada um” (PAULO VI, 1965, n. 29, *online*), incluindo também capacidades socioeconômicas, sendo certo que “[...] a igualdade fundamental entre todos os homens deve ser cada vez mais reconhecida, uma vez que, dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos têm a mesma natureza e origem” (PAULO VI, 1965, n. 29, *online*). Embora haja diferenças entre os homens, em todos os aspectos, há algo que os une enquanto tal, que os torna seres humanos com sua dignidade intrínseca. Assim, todos os homens são dotados de uma dignidade ontológica inalienável que os iguala, a qual é conferida por Deus.

Em relação àquela crise da cultura gerada pela crise da metafísica, a qual permite que a inveja assuma para si o papel de princípio orientador supremo e norteie a humanidade, a cultura da dignidade a reverte ao cultivar, desde a raiz do problema, um princípio metafísico transcendental para a cultura que garante uma igualdade inata entre os homens, permitindo, assim, que a dignidade norteie a humanidade. Dessa maneira, abre-se o horizonte a partir do qual a cultura da dignidade será construída. O amor criador de Deus pelo homem é o fundamento da dignidade humana. Se a cultura da inveja se apresenta com duas categorias – a eterna competição e o isolamento social –, a cultura da dignidade apresentar-se-á também com duas categorias, a saber: a filiação divina e a fraternidade universal.

A pessoa humana deve ser respeitada com uma reverência que é religiosa. Quando lidamos uns com os outros, devemos agir com uma grande admiração, tal que surge quando estamos na presença de algo divino e sagrado. Pois isso é o os seres humanos são: fomos criados à imagem e semelhança de Deus. (POPCAK, 2022, p. 93).

A partir dessas palavras do documento Justiça econômica para todos, da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos, tem-se que a pessoa humana deve ser reverenciada religiosamente com grande admiração, pois todo homem foi criado por Deus à sua imagem e semelhança, ou seja, todo ser humano é filho de Deus. A *Gaudium et Spes* corrobora esse pensamento:

Deus, que por todos cuida com solicitude paternal, quis que os homens formassem uma só família, e se tratassem uns aos outros como irmãos. Criados todos à imagem e semelhança daquele Deus que “fez habitar sobre toda a face da terra o inteiro gênero humano, saído dum princípio único” (PAULO VI, 1965, n. 24, *online*).

Todos os homens, nesse sentido, são filhos de Deus e têm uma vocação para a fraternidade universal, para tornar-se uma só família. A fraternidade universal, desse modo, é consequência imediata da filiação divina: “A raiz da fraternidade está contida na paternidade de Deus. Não se

trata de uma paternidade genérica, indistinta e historicamente ineficaz, mas do amor pessoal, solícito e extraordinariamente concreto de Deus por cada um dos homens” (FRANCISCO, 2013, n. 3, *online*). Criticando as éticas contemporâneas e a cultura atual, o Papa Francisco defende a necessidade que essa paternidade divina tem de ser transcendente, isto é, ser capaz de transcender todo ser humano e unificá-los sob um mesmo princípio para a fraternidade universal ser autêntica:

Ao mesmo tempo, resulta claramente que as próprias éticas contemporâneas se mostram incapazes de produzir autênticos vínculos de fraternidade, porque uma fraternidade privada da referência a um Pai comum como seu fundamento último não consegue subsistir. Uma verdadeira fraternidade entre os homens supõe e exige uma paternidade transcendente. A partir do reconhecimento desta paternidade, consolida-se a fraternidade entre os homens, ou seja, aquele fazer-se “próximo” para cuidar do outro (FRANCISCO, 2013, n. 3, *online*).

Retomando o magno exemplo de Caim e Abel, o Santo Padre explica como a perda dessa fraternidade fundada na filiação divina deu lugar à inveja e causou o fratricídio:

Abel é pastor, Caim agricultor. A sua identidade profunda e, conjuntamente, a sua vocação é ser *irmãos*, embora na diversidade da sua atividade e cultura, da sua maneira de se relacionarem com Deus e com a criação. Mas o assassinato de Abel por Caim atesta, tragicamente, a rejeição radical da vocação a ser irmãos. A sua história (cf. *Gn 4, 1-16*) põe em evidência o difícil dever, a que todos os homens são chamados, de viver juntos, cuidando uns dos outros. Caim, não aceitando a predileção de Deus por Abel, que Lhe oferecia o melhor do seu rebanho – “o Senhor olhou com agrado para Abel e para a sua oferta, mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta” (*Gn 4, 4-5*) –, mata Abel por inveja. Desta forma, recusa reconhecer-se irmão, relacionar-se positivamente com ele, viver diante de Deus, assumindo as suas responsabilidades de cuidar e proteger o outro. À pergunta com que Deus interpela Caim – “onde está o teu irmão?” –, pedindo-lhe contas da sua ação, responde: “Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?” (*Gn 4, 9*). Depois – diz-nos o livro do Génesis –, “Caim afastou-se da presença do Senhor” (*4, 16*). [...] A narração de Caim e Abel ensina que a humanidade traz inscrita em si mesma uma vocação à fraternidade, mas também a possibilidade dramática da sua traição. Disso mesmo dá testemunho o egoísmo diário, que está na base de muitas guerras e injustiças: na realidade, muitos homens e mulheres morrem pela mão de irmãos e irmãs que não sabem reconhecer-se como tais, isto é, como seres feitos para a reciprocidade, a comunhão e a doação (FRANCISCO, 2013, n. 2, *online*).

Claramente observa-se a relação entre dignidade e inveja. Ao pensar e agir desconsiderando a própria dignidade e a dignidade do outro, a pessoa pensa e age invejosamente, como ocorreu

no caso de Caim. Diante disso, provoca o Bispo de Roma, “surge espontaneamente a pergunta: poderão um dia os homens e as mulheres deste mundo corresponder plenamente ao anseio de fraternidade, gravado neles por Deus Pai?” (FRANCISCO, 2013, n. 3, *online*). A cultura da dignidade pretende favorecer uma resposta positiva a essa indagação do Papa, de modo que os homens e as mulheres deste mundo possam corresponder à sua dignidade de filhos de Deus e irmãos entre si.

Um Caminho para a paz social

“A paz na terra, anseio profundo de todos os homens de todos os tempos, não se pode estabelecer nem consolidar senão no pleno respeito da ordem instituída por Deus” (JOÃO XXIII, 1963, n. 1, *online*). Essas palavras do Papa João XXIII, com as quais inicia sua Encíclica *Pacem in Terris*, revelam algumas considerações importantíssimas sobre a paz social. Em primeiro lugar, a paz é um desejo universal e atemporal. Todas as pessoas de todos os tempos desejam profundamente a paz. Em segundo lugar, essa paz só pode estabelecer-se se for respeitada a ordem estabelecida por Deus. Isso significa, em outras palavras, que a paz só é possível se for construída a partir das realidades metafísicas transcendentais, como a dignidade da filiação divina e da fraternidade universal. “Absolutamente necessárias para a edificação da paz são ainda a vontade firme de respeitar a dignidade dos outros homens e povos e a prática assídua da fraternidade” (PAULO VI, 1965, n. 78, *online*). Assim, uma cultura que se fundamenta nessa ordem divina, a qual garante a dignidade inata e inviolável para cada pessoa como filho de Deus e irmão, promove a paz. “A fraternidade gera paz social” (FRANCISCO, 2013, n. 8, *online*). A fraternidade universal, fruto da filiação divina, a qual é a razão mais sublime da dignidade humana, gera a paz, pois respeita a ordem metafísica instituída por Deus. Desse modo, “[...] suposto isto, é fácil compreender que a fraternidade é fundamento e caminho para a paz” (FRANCISCO, 2013, n. 4, *online*).

Em síntese, o pecado pessoal da inveja é disseminado, resultando num pecado social, o qual penetra as diversas camadas e esferas da cultura – sobretudo na economia, na política e na comunicação –, acarretando, enfim, a cultura da inveja, com a eterna competição e o isolamento social, produzindo discórdias, divisões e guerras. Ao contrário, a dignidade pessoal, sendo disseminada para a dignidade social, gera uma cultura da dignidade com a filiação divina e a fraternidade universal, a qual, por sua vez, produz a paz. Portanto, à medida que se arranca a raiz da inveja da cultura e se cultiva a da dignidade em seu lugar, a paz social será semeada e frutificará.

Considerações Finais

A presente investigação pretendeu trazer uma luz para uma questão latente que é cara não somente à Igreja e ao magistério dos últimos Papas, mas que se estende a toda a humanidade: a paz social. Esse é um profundo anseio de todas as pessoas de todos os tempos. No entanto, também desde sempre ela escorre entre os dedos das civilizações. Diversos são os motivos. Entretanto, um se destaca: a inveja. O homem, como um ser intrinsecamente social, vive em comunidade e dentro de uma cultura, a qual se apresenta como uma cultura da inveja.

Por conseguinte, o artigo discutiu propriamente a conclusão do problema. A cultura da inveja produz guerras e divisões nas mais diversas esferas culturais e sociais. A cultura da dignidade, por sua vez, quando cultivada, mostra-se como um caminho para a paz social. Enfim, esboça-se uma possibilidade outra que Caim não considerou: ao invés de esquecer a sua dignidade e a de seu irmão Abel, e assim ser motivado pela inveja a cometer o fratricídio, desvelam-se a Filiação Divina e a Fraternidade Universal como estandartes da paz. Diante da cultura atual, nessa perspectiva, abre-se um horizonte possível de esperança – não sem trabalho.

Referências

- BÍBLIA, A. T. Gênesis. In: *Bíblia Sagrada*. 2 ed. Brasília: CNBB, 2019.
- FRANCISCO, Papa. *A história de Caim e Abel*: Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Santa Marta. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170213_historia-caim-abel.html. Acesso em: 5 out. 2023.
- FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_encyclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 5 out. 2023.
- FRANCISCO, Papa. *Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do XLVII Dia Mundial da Paz*. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014.html. Acesso em: 05 out. 2023.
- JOÃO XXIII, Papa. *Pacem in Terris*: Carta Encíclica sobre paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html. Acesso em: 05 out. 2023.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Reconciliatio et Paenitentia*: Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a reconciliação e a penitência na missão da Igreja hoje. 1984. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_02121984_reconciliatio-et-paenitentia.html. Acesso em: 5 out. 2023.
- PAULO VI, Papa. *Gaudium et Spes*: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 5 out. 2023.
- PINHEIRO, V. *A crise da cultura e a ordem do amor*: ensaios filosóficos. 2. ed. São Paulo: É Realizações, 2021.
- POPCAK, G. *Deuses feridos*: os sete anseios do coração humano. São Paulo: Cultor de Livros, 2022.
- REALE, G. *O saber dos antigos*: terapia para os tempos atuais. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- TOMÁS DE AQUINO, S. *Suma Teológica*: a fé, a esperança, a caridade, a prudência. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2004. v. 5.
- VAZ, L. *Filosofia e cultura*: escritos de filosofia. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. v. 3.
- VOST, K. *Os sete pecados capitais*: um guia tomista para derrotar o vício e o pecado. Campinas: Ecclesiae, 2019.